

Patrick Modiano
◊
DOMINGOS DE AGOSTO

Romance

Tradução de
António José Massano

2.^a edição
revista





O seu olhar acabou por se cruzar com o meu. Foi em Nice, no princípio do Boulevard Gambetta. Ele estava sobre uma espécie de pódio diante de um estendal de casacos e sobretudos de cabedal, e eu tinha avançado para a primeira fila dos basbaques que o ouviam apregoar a sua mercadoria.

Ao ver-me, perdeu a sua lábia de vendedor ambulante. Falava de um modo mais seco, como se quisesse distanciar-se do seu auditório e dar-me a entender que a profissão que ali exercia, ao ar livre, estava abaixo da sua condição.

Em sete anos, não tinha mudado muito; só a sua tez me parecia mais avermelhada. Estava a anoitecer e uma rajada de vento penetrou na Avenida Gambetta com os primeiros pingos de chuva. A meu lado, uma mulher de cabelo loiro encaracolado experimentava um sobretudo de cabedal. Do seu pódio, ele inclinava-se para ela e observava-a com um ar encorajador:

– Fica-lhe às mil maravilhas, minha senhora.

A voz continuava a ter o seu timbre metálico, um metal que, com o tempo, se tinha enferrujado. Os mirones começaram a dispersar por causa da chuva e a mulher loira tirou o sobretudo que colocou, timidamente, na borda do estendal.

– É uma ocasião única, minha senhora... ao preço da chuva...
Devia...

Mas sem lhe dar tempo de prosseguir, ela virou-se depressa e esquivou-se com os outros, como se tivesse vergonha de dar ouvidos às propostas obscenas de um viandante.

Ele desceu do pódio e encaminhou-se para mim.

– Que bela surpresa... Eu sou de olhão... Reconheci-o imediatamente...

Ele parecia incomodado, quase receoso. Eu, pelo contrário, estava calmo e descontraído.

– Tem piada encontrarmos-nos aqui, não é verdade? – disse-lhe eu.

– É verdade.

Ele sorria. Tinha recobrado a sua segurança. Uma camioneta parou junto do passeio, ao pé de nós, e saiu um homem com um blusão vermelho.

– Podes desmontar tudo isso...

Depois olhou-me de frente.

– Vamos beber um copo?

– Se quiser.

– Eu vou ao Forum beber um copo com este senhor. Vai ter comigo dentro de meia hora.

O outro começou a carregar os sobretudos e os casacos de cabedal do estendal para a camioneta, enquanto, à nossa volta, a vaga de clientes saía pelas portas do grande armazém que fica na esquina da Rua Buffa. Um toque agudo anunciava o fecho.

– Já está... Já quase não chove...

Ele trazia a tiracolo um saco de cabedal muito achatado.

Atravessámos o *boulevard* e seguimos pela Promenade des Anglais. O café ficava muito perto, ao lado do cinema Le Forum. Ele escolheu uma mesa por detrás da vidraça e deixou-se cair sobre o banco.

– O que há de novo? – perguntou-me. – Está na Côte d’Azur?
Quis pô-lo à vontade:

– Tem piada... Vi-o, há dias, na Promenade des Anglais...

– Devia ter-me cumprimentado.

A sua silhueta pesada, ao longo da Promenade, e esse saco de cabedal a tiracolo que certos homens usam, por volta dos cinquenta anos, com casacos muito cintados, para manterem uma silhueta juvenil...

– Eu trabalho há algum tempo na região. Tento vender *stocks* de roupa de cabedal...

– Como vai a coisa?

– Assim-assim. E você?

– Eu também estou a trabalhar na região – respondi-lhe.
– Nada de interessante...

Lá fora, os grandes candeeiros da Promenade acendiam-se pouco a pouco. Primeiro, uma claridade cor de malva e vacilante que uma simples rajada de vento ameaçava apagar como a chama de uma vela. Mas não. Passados uns instantes, essa luz incerta tornava-se branca e forte.

– Então, estamos a trabalhar na mesma zona – disse-me ele.
– Eu vivo em Antibes, mas viajo muito...

O seu saco de cabedal abria-se da mesma maneira que as pastas dos estudantes. Ele tirou lá de dentro um maço de cigarros.

– Já não vive no Val-de-Marne? – perguntei.

– Não, já não.

Houve, entre nós, um instante de embaraço.

– E você? – perguntou-me ele. – Voltou lá?

– Nunca mais.

Só de pensar em me encontrar junto do Marne causou-me calafrios. Olhei para a Promenade des Anglais, para o céu alaranjado que escurecia, e para o mar. Sim, eu estava de facto em Nice. Tinha vontade de suspirar de alívio.

- Por nada da vida gostaria de voltar a tal sítio – disse-lhe.
- Eu também não.

O empregado colocava sobre a mesa o sumo de laranja, o *fine à l'eau*¹ e os copos. Tanto um como o outro nos agarrávamos com o olhar ao mínimo dos seus gestos, como se quiséssemos adiar o mais possível o momento de retomar a conversa. Foi ele que acabou por quebrar o silêncio.

- Gostaria de tirar a limpo consigo umas coisas...
Ele observava-me com um olhar mortíçoo.

– Pois é... Apesar das aparências, eu não era casado com Sylvia... A minha mãe não queria esse casamento...

Durante uma fração de segundo, a silhueta da Sr.^a Villecourt apareceu-me, sentada no pontão, junto do Marne.

– Lembra-se da minha mãe... Não era uma mulher fácil... Havia entre nós problemas de dinheiro... Ela ter-me-ia retirado a mesada se eu tivesse casado com Sylvia...

- Surpreende-me muito.
- Pois bem, por isso...

Parecia-me um sonho. Porque é que Sylvia nunca me disse a verdade? Eu lembrava-me de que ela usava uma aliança.

– Ela queria fazer crer que éramos casados... Para ela, era uma questão de amor-próprio... E eu, eu comortei-me como um covarde... Devia ter-me casado com ela...

Devia render-me à evidência: este homem não se parecia com o de há sete anos. Ele já não manifestava aquela confiança em si mesmo e aquela grosseria que me levavam a odiá-lo. Pelo contrário, agora ele estava impregnado de uma doçura resignada. Até as suas mãos tinham mudado. Já não usava pulseira.

– Se eu tivesse casado com ela, tudo teria sido bem diferente...

¹ Bebida muito popular em França nos anos 1960, composta por uma parte de conhaque e três partes de água. (*N. do E.*)

– Acha?

Decididamente, ele falava de uma outra pessoa que nada tinha a ver com Sylvia, e as coisas, com o correr dos anos, tinham para ele um sentido que não tinham para mim.

– Ela não me perdoou essa cobardia... Ela gostava de mim... Eu era o único homem que ela amava...

O seu sorriso triste era tão surpreendente como o saco que trazia a tiracolo. Não, não se tratava do mesmo homem das margens do Marne. Talvez ele tivesse esquecido fragmentos inteiros do passado ou tivesse acabado por se persuadir de que certos acontecimentos, de consequências tão graves para todos nós, nunca tinham ocorrido. Eu tinha uma vontade irresistível de o abanar.

– E o projeto de restaurante e de piscina numa pequena ilha, para os lados de Chennevières?

Eu tinha levantado a voz e aproximado o meu rosto do dele. Mas em vez de ficar embaraçado com a minha pergunta, ele conservava o seu sorriso triste.

– Não estou a ver o que quer dizer... Como sabe, eu ocupava-me sobretudo dos cavalos de minha mãe... Ela tinha dois cavalos de corrida que competiam em Vincennes...

Ele parecia de tão boa-fé que não ousei contradizê-lo.

– Viu, há pouco, o tipo que carregava os meus sobretudos de cabedal para a camioneta? Pois bem, ele aposta nas corridas... A meu ver, só pode haver um mal-entendido entre os homens e os cavalos...

Estava a trocar de mim? Não. Ele nunca tinha tido o menor sentido de humor. E a luz do néon acentuava a expressão enfadada e grave do seu rosto.

– Entre os cavalos e os homens, a coisa só raramente funciona... Por mais que lhe diga que faz mal em apostar nas corridas, ele continua mas nunca ganha... E você? Continua a ser fotógrafo?

Ele tinha pronunciado as últimas palavras com o timbre metálico que, há sete anos, era o seu.

– Na altura, não entendi lá muito bem o seu projeto de álbum fotográfico...

– Eu pretendia fazer fotografias sobre as praias fluviais dos arredores de Paris – disse-lhe eu.

– Praias fluviais? E foi por isso que se instalou em La Varenne?

– É verdade.

– No entanto, não se trata realmente de uma praia fluvial.

– Acha? Há apesar de tudo o Beach...

– É. Suponho que não teve tempo de tirar as suas fotografias, não é verdade?

– Se, se... se quiser, posso mostrar-lhe algumas...

A nossa conversa tornava-se inútil. Era estranho exprimir-se assim, por meias-palavras, ou por subentendidos.

– Em todo o caso, posso dizer que aprendi coisas bem edificantes... E isso serviu-me de lição...

A minha observação deixou-o petrificado. E, além disso, eu fizera-a num tom agressivo. Insisti:

– Suponho que também você guarda uma má recordação de tudo isso?

Mas arrependi-me imediatamente da minha provocação. Ela deslizara sobre ele, e ele envolvia-me com o seu sorriso triste.

– Já não tenho qualquer recordação – disse-me ele.

Olhou para o relógio de pulso.

– Daqui a pouco vêm à minha procura... É pena... Gostaria de ficar mais tempo consigo... Mas espero que voltemos a ver-nos...

– Quer realmente voltar a encontrar-se comigo?

Eu sentia um certo mal-estar. Ter-me-ia sentido menos desamparado em presença do mesmo homem de há sete anos atrás.

– Sim. Gostaria de voltar a vê-lo de tempos a tempos para falarmos de Sylvia.

– Acha que vale realmente a pena?

Como podia eu falar-lhe de Sylvia? Era de perguntar se, passados sete anos, ele não estava a confundi-la com outra. Ele lembrava-se de que eu tinha sido fotógrafo mas, nos velhos que perderam a memória, subsistem ainda alguns fragmentos do passado: um lanche de aniversário da sua infância, a letra de uma canção de embalar que lhes cantavam...

– Já não quer falar mais de Sylvia? Meta bem isso na cabeça...

Ele batia com o punho na mesa e eu esperava as ameaças e as chantagens de outrora, diluídas pelo tempo, evidentemente, como as declarações daqueles criminosos de guerra caquéticos que são levados, quarenta anos depois das suas perversidades, a tribunal.

– Convença-se de que nada teria acontecido se eu tivesse casado com ela... Nada... Ela gostava de mim... A única coisa que ela queria era que também eu lhe desse uma prova de amor... E eu fui incapaz de lha dar...

Ao observá-lo, ali, na minha frente, ao ouvir aquelas palavras de um pecador arrependido, perguntei-me se eu não era injusto para com ele. Ele divagava mas tinha melhorado com o tempo. Nunca, nessa altura, ele podia ter tido este tipo de raciocínio.

– Eu creio que se engana – disse-lhe eu. – Mas isso não tem qualquer importância. Em todo o caso, a intenção é boa.

– Não me engano absolutamente nada.

E ele batia novamente com o punho na mesa com um ar de bêbedo. Receei que recuperasse a sua brutalidade e o seu mau génio. Felizmente, naquele instante, o homem da camioneta entrou no café e pôs-lhe uma mão no ombro. Ele virou-se e olhou-o fixamente, como se o não reconhecesse.

– Já vou... Dentro de momentos estou ao teu dispor...

Levantámo-nos e acompanhei-os até à camioneta que estava estacionada em frente do cinema Le Forum. Ele correu a porta,

mostrando uma fila de sobretudos de cabedal, pendurados em cabides.

– Escolha um...

Eu fiquei imóvel. Então, ele examinou os sobretudos de cabedal um a um. Retirava os cabides e voltava a pô-los um de cada vez.

– Este deve ser a sua medida...

Passou-me o sobretudo de cabedal, ainda com o cabide.

– Não preciso de sobretudo – disse-lhe.

– Se... se... Faça-me a vontade...

O outro esperava, sentado no guarda-lamas da camioneta.

– Experimente-o.

Peguei no sobretudo e vesti-o na sua frente. Observava-me com o olhar penetrante de um alfaiate, durante uma prova.

– Não o incomoda nos ombros?

– Não, mas digo-lhe que não preciso do sobretudo.

– Fique com ele, faça-me a vontade. Faça questão.

Ele próprio o abotoava. Eu estava muito hirto, qual manequim de madeira.

– Fica-lhe muito bem... E a vantagem, para mim, é que tenho muitos números grandes...

Eu consentia para me ver livre dele o mais rápido possível. Não queria discutir. Queria era vê-lo partir.

– Se houver algum problema, venha trocá-lo por outro... Estarei na minha banca, no Boulevard Gambetta, amanhã à tarde... E, em todo o caso, dou-lhe a minha direção...

Remexeu no bolso interior do seu casaco e deu-me um cartão de visita.

– Tome... a minha direção e o meu número de telefone em Antibes... Fico à sua espera...

Abriu a porta da frente, subiu e sentou-se no banco. O outro instalou-se ao volante. Ele baixou o vidro e inclinou-se para fora.

– Sei que não simpatiza comigo – disse-me ele – mas estou disposto a retratar-me... Eu mudei... Compreendi quais eram os meus erros... Sobretudo em relação a Sylvia... Só a mim ela amou verdadeiramente... Voltaremos a falar os dois de Sylvia, está bem?...

Ele media-me dos pés à cabeça.

– O sobretudo fica-lhe às mil maravilhas...

Fechou o vidro sem me largar com os olhos. Mas brusca-mente, no momento em que a camioneta arrancava, o seu rosto ficou com uma expressão de espanto: não consegui evitar fazer-lhe – gesto incompreensível por parte de um homem reservado como eu – um manguito.

Algumas pessoas entravam no Forum para a sessão das nove da noite. Também eu senti a tentação de me ir sentar na velha sala de cinema de veludo vermelho. Mas eu queria desfazer-me daquele sobretudo de cabedal que me apertava nos ombros e me impedia de respirar. Com a pressa, arranquei um botão. Dobrei o sobretudo, coloquei-o num banco da Promenade e afastei-me com a sensação de deixar para trás de mim algo de comprometedor.

Seria a fachada deteriorada do cinema Le Forum? Ou o reaparecimento de Villecourt? Mas pensei nas confidências que a mãe dele me fizera a respeito do assassinato misterioso do comediante Aimos numa barricada do bairro da Gare du Nord, durante a libertação de Paris. Aimos sabia muita coisa, tinha ouvido muitas conversas, tinha convivido com muita gente duvidosa nas hospedarias de Chennevières, Champigny e La Varenne. E o nome de toda essa gente, que a Sr.^a Villecourt me indicara, evocavam-me as águas lodosas do Marne.

Consultei o seu cartão de visita:

Frédéric Villecourt, comissionista.

Noutro tempo, os caracteres do seu nome teriam sido pretos e gravados. Hoje, porém, eram cor de laranja, como os de um simples prospeto, e o termo bem modesto de «comissionista», se nos lembrássemos do Frédéric Villecourt das margens do Marne, indicava que, muitas vezes, bastam alguns anos para se conseguir o que se pretende. Ele próprio escrevera a tinta azul a sua direção: Avenida Bosquet, n.º 5, Antibes. Telefone: 50.22.83.

Eu caminhava ao longo da Avenida Victor-Hugo, porque decidira voltar para casa a pé. Não, nunca deveria ter entabulado conversa com ele.

Da primeira vez, quando o vi passar na Promenade des Anglais com o seu passo pesado, com esse ridículo saquinho de cabedal a tiracolo, não senti nenhuma vontade de lhe falar. Nesse domingo, estava um lindo sol de outono e eu estava sentado na esplanada do Queeni. E, na Promenade, ele parou e acendeu um cigarro. Depois permaneceu ainda uns instantes imóvel, por detrás da chusma de automóveis. Ia atravessar com o semáforo vermelho e ficar no passeio, precisamente à minha frente. E, nesse momento, podia ver-me. Ou então, não se mexeria, a noite cairia e a sua silhueta, qual sombra chinesa, recortaria-se para sempre sobre o mar, diante de mim.

Ele prosseguiu o seu caminho em direção ao casino Ruhl e ao Jardim Alberto I, com o saco de cabedal a tiracolo. À minha volta, homens e mulheres, rígidos como múmias, tomavam chá, silenciosos, de olhar fixo na Promenade des Anglais. Talvez também eles espiassem, por entre essa multidão em procissão, silhuetas do seu passado.